



## **SEXUALIDADES DESOBEDIENTES. GÊNEROS, SUBJETIVIDADES E IDENTIDADES NÃO-NORMATIVAS NAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS**

Carla Luzia de Abreu\*

### *Apresentação*

Esta pesquisa tem o objetivo de problematizar as construções e as experimentações das identidades de gêneros não-normativos nas redes sociais virtuais, ou seja, as identidades desobedientes a heteronormatividade, destacando as características dinâmicas e fluidas da internet que proporcionam espaços favoráveis para a exploração de novas práticas de subjetividade na construção da identidade online, aqui entendida como prática social, e internet, como um produto sociocultural.

A abordagem é desenvolvida em torno de como se constroem e representam os gêneros na internet desde uma perspectiva de usos e práticas que fazem os indivíduos segundo o gênero e a sexualidade não-normativa. A análise dos dados será desenvolvida a partir da noção de performatividade de gênero centrando, sobretudo, em analisar os jogos de identidade e como os gêneros se expressam através dos discursos de linguagem via a intermediação tecnológica.

A internet oferece às pessoas uma grande capacidade de controle e gestão na construção e nas formas de apresentação de sua identidade virtual. É o sujeito quem decide se quer, como quer, quando quer e onde deseja se expor. Texto e imagem se complementam para gerar a identidade virtual através de códigos digitais que permitem, ou não, superar o que Butler (2007) chama de "matriz de inteligibilidade"<sup>1</sup>. Por isso é importante estudar a construção de identidades virtuais não-normativas desde uma perspectiva de performances de gêneros, através da representação e troca de repertórios culturais que operam tanto em nível de textos como de imagens e sons. Como dificilmente se pode analisar a construção de gêneros sem levar em conta o corpo, uma de suas principais referências de expressão, as identidades virtuais também são analisadas através das imagens que os usuários usam para representarem-se.

---

<sup>1</sup> A *matriz de inteligibilidade* ou *matriz heterossexual*, termo desenvolvido por Judith Butler (2007), é a forma pela qual se organizam as identidades de gênero e de sexualidade, aplicando significados a uns determinados tipos de corpos e excluindo outros. Corresponde aos processos sociais que determinam que um ser humano deva corresponder sempre a um gênero, e essa correspondência acontece em virtude do seu sexo. Desse modo se produz uma cadeia que estabelece uma continuidade entre sexo, gênero, desejo e prática sexual, o que confere inteligibilidade aos corpos que são recipientes de coerência, estabilidade e unidade. Desse modo, a matriz heterossexual define tanto a coerência como a incoerência, a continuidade como a descontinuidade. Aqueles corpos cujo gênero não é concordante com seu sexo "natural", inclusive os corpos que não possuem uma definição clara de sua anatomia, estão fora da matriz de inteligibilidade.



### *Contextualização*

Nos últimos anos, surgiu e se espalhou em vários pontos da internet uma série de ambientes cuja finalidade é formar redes sociais, baseando-se, principalmente, no princípio da associação. Estas redes possibilitaram o surgimento de novas formas de interação, atitudes e comportamentos, um espaço para compartilhar novas formas de disseminação cultural e social, bem como estabelecer agendas de ação política através de grupos organizados e coletivos que encontram na internet estratégias alternativas para se organizarem.

A expansão de tais comunidades virtuais<sup>2</sup> foi muito rápida, especialmente depois da web 2.0 que permitiu que muitos pontos digitais possam ser transmissores e receptores na geração, negação e transformação do conhecimento, originando uma multidão online, onde os relacionamentos são centrados em torno de interesses comuns e por sentimentos que guiam as atrações e as repulsões entre indivíduos e grupos, pois, por mais liberdade que se configura a rede, como qualquer outro dos espaços sócio-culturais, sempre é, também, um reflexo das construções sociais das atividades humanas do mundo presencial.

No entanto, para esta pesquisa, interessam os sujeitos virtuais que se colocam contra a normalização do gênero no ciberespaço, grupos que são formados por suas afinidades em torno de uma sexualidade não-normativa. Esta pesquisa é orientada às multidões queer que habitam e transitam na internet e vão formando novos espaços identitários, onde não existe qualquer base natural ou essencial dos indivíduos, como Beatriz Preciado diz: “Las minorías sexuales se convierten en multitudes. El monstruo sexual que tiene por nombre multitud se vuelve Queer.” (PRECIADO, 2003, hipertexto)

Multidões que se opõem contra a lógica hegemônica das categorias de gênero e de sexualidade do sistema heteronormativo, que podem adotar regras sociais diferentes ao mundo presencial, desajustar os valores estabelecidos aos gêneros, além de construir e reconstruir uma identidade e um corpo que lhe represente online, onde o sujeito pode definir o que quer expor, ressaltar ou ocultar, quantas vezes acreditar ser necessário.

Este fato colabora para a construção de identidades mais plurais e menos homogeneizadoras, influenciando no desenvolvimento do “eu” e nas características que definem as pessoas dentro dos grupos sociais. No entanto, esses espaços de agrupamento social virtual não são constituídos como

---

<sup>2</sup> Entendo *comunidade virtual* como um contexto social, onde se produzem e se mantêm intercâmbios entre seus usuários que constroem e negociam identidades e significados, em uma dinâmica que da forma a um sistema cultural que lhes permitem acessar, compartilhar, re-significar e construir conhecimento social.



algo independente das relações presenciais, fazem parte de contextos justapostos. A identidade online não se refere a outra parte desvinculada do sujeito, desagregada das formas complexas de como os seres humanos são constituídos, são sim, parte das muitas superfícies que lhes formam e têm a ver com as práticas de subjetividade, de resignificação, negociação, apropriação e rearticulação dos processos que nos permitem estar sempre em movimento.

Nas próximas décadas o digital estará inserido definitivamente nas formas de sentir, manifestar e viver nossas identidades. Atualmente, esse cenário virtual fragmentado e complexo faz parte da realidade de muitas pessoas, uma nova realidade híbrida entre o humano e as tecnologias.

Nesse sentido, as comunidades virtuais oferecem contextos especiais para analisar os gêneros, a diversidade e as sexualidades, mas, mais do que estudar a construção de identidades não-normativas virtuais, esta pesquisa irá colocar lentes de aumento nas práticas de subjetividades usadas para o “devenir” do sujeito online, suas experiências e seus comportamentos que tendem a ser diversificados na multidão queer que habita a internet.

E a multidão é enorme. São milhões de identidades não-normativas nas redes sociais virtuais que atuam estrategicamente, e muitas vezes intencionalmente, para subverter a suposta superioridade da heterossexualidade na política de representação do gênero e da sexualidade. Esse fato contribui para tornar visíveis os silêncios e os silenciados da comunidade LGBTQI3, através dessa nova realidade social mediada pelos artefatos tecnológicos.

#### *As redes virtuais: novos espaços de heterogeneidades e subjetividades*

A enorme expansão das comunidades virtuais já é por si só um referente importante para o estudo dessa nova prática social. Mas, por que e para que pertencer a uma comunidade virtual? Estas redes resultam em imensos espaços de socialização onde a identificação, as afinidades e o grau de envolvimento dos usuários dependem da proposta que oferece cada comunidade e também das interações e intercâmbios dos seus membros que mantém o movimento rizomático desses grupos sociais.

Nas comunidades virtuais o mais importante não é a organização do espaço, mas a sua composição, constituída de uma multidão heterogênea e dinamicamente metamórfica. Em realidade é o oposto a uma estrutura que se define por um conjunto de pontos e posições, relações binárias e pré-estabelecidas. As linhas das comunidades virtuais são caracterizadas pela variação de formas,

---

<sup>3</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, *Queers* e Interssexuais.



direções, tamanhos, velocidades e cores, fazendo com que "ponto de fuga" tenha muitas superfícies, entradas e saídas.

No entanto também penso que as pessoas fazem parte das comunidades virtuais não só por afinidades ou sentimento de pertinência ao grupo, mas também, e especialmente, para construir a própria identidade e experimentar outras formas de subjetividades na exploração criativa de suas identidades de gêneros e de sexualidades.

As comunidades LGBTQI encontram no mundo virtual um canal potente para que possam desenvolver suas identidades sem as exigências do mundo presencial. Um novo mundo que oferece a oportunidade para as pessoas falarem em “primeira voz” e construir identidades que não são limitadas aos papéis convencionais quando os temas são sexualidade e gênero.

Assim como as redes sociais são pensadas como um rizoma, a identidade virtual nesta pesquisa é pensada desde o conceito de “sujeito nômade”, desenvolvido por Rosi Braidotti (2000) para definir o sujeito que renuncia e “realiza a desconstrução de qualquer noção de identidade fixa e estável”. Para a autora, o sujeito nômade representa o indivíduo contemporâneo e, neste contexto, nada seria dado a priori e as subjetividades estão sujeitas a muitas variáveis, como classe, etnia, gênero, sexualidade, idade, contexto e outros. Braidotti explica o sujeito nômade como sendo aquele que abandona toda idéia, desejo ou nostalgia de fixidez, e manifesta o desejo de uma identidade feita de transições e mudanças.

O nômade virtual se move por diversas categorias e também por diferentes níveis de experiência no ciberespaço, onde a imaginação é valorizada como algo que potencializa a criação de novas configurações que se afastam das identidades estáveis. Nesse sentido, o nômade virtual, além de ser um viajante, pode inclusive ser um sujeito que costuma quebrar as regras sociais pré-estabelecidas e, frequentemente, encontra formas de resistência contra a estrutura heteronormativa.

Isso leva a pensar que existem milhares de identidades possíveis em um só sujeito e que as pessoas são dotadas de uma capacidade transformadora que não deve ser limitada por um modelo coerente, superior ou “natural”. Assim, nesta pesquisa, as ações e os comportamentos das identidades sexualmente “desobedientes” a heteronormatividade são os elementos de análises para interpretar se as práticas de subjetividade empregadas por esses sujeitos estão sendo usadas para contestar e/ou desestabilizar o binarismo imposto às categorias de gênero e de sexualidade da matriz de inteligibilidade.

As contribuições de Braidotti e seu “sujeito nômade” me conduziram ao conceito de “netianas”, desenvolvido por Remedios Zafra, que ajuda a pensar na diversidade das identidades



online. Claramente inspirada por Braidotti, Zafra explica que as netianas são identidades virtuais que têm uma natureza nômade e um gênero desmaterializado:

Netiana: sujeto posthumano e inmaterial que n(h)ace en *Internet*. Figuración teórica alternativa del sujeto en red. Ficción política que rebasa las fronteras de género, clase y raza y que sugiere nuevas preguntas sobre las formas de ser y de relacionarnos en el universo *online*. La netiana es una conspiradora del poder. [...] La netiana es una confrontación con lo dominante. (ZAFRA, 2005, p. 23)

Apesar de a autora ser consciente que o ciberespaço traz consigo uma carga simbólica da estrutura heteronormativa e é reprodutor dos comportamentos e dos valores do mundo presencial, Zafra usa a ironia para propor as *netianas* como representantes dos sujeitos pós-humanos e imaginários, que se deslocam das estruturas tradicionais e percebem a internet como uma oportunidade para a diversidade e a criação de novas formas de experimentar a construção das identidades, como sugere Remedios Zafra:

Todos “obedecemos a identidades construidas”, ciertamente, sin embargo en Internet esta afirmación cuenta con un contexto especialmente favorecedor y veloz, podemos hacernos y deshacernos más y más rápido, simultánea o consecutivamente, con o sin cuerpo, proyectados o inventados. (ZAFRA. *E-identidades*. Hipertexto, p.23)

Nesses espaços online se faz necessário entender que não existem verdades absolutas e aceitar a incerteza como elemento determinante. Devemos entender as comunidades virtuais como produtos sociais da comunicação mediada pelas tecnologias, um artefato cultural, produzido por pessoas reais, que fazem uso dessas ferramentas tecnológicas com objetivos concretos, dentro de determinados contextos situados.

### *Bússolas teóricas*

As reflexões construcionistas, posicionamento epistemológico em que me situo, proporcionaram a base para o desenvolvimento de outras teorias críticas como, por exemplo, os feminismos e a teoria *Queer*, que analisam e questionam o caráter ideológico, racista e sexista dos discursos dominantes construídos historicamente. Para pensar as multidões *virtuais* não-normativas, as contribuições das duas perspectivas teóricas são usadas para orientar as reflexões sobre as identidades sexualmente desobedientes na internet e suas experimentações *online*, principalmente as vertentes que se aproximam às teorias de Michel Foucault que dizem respeito às questões do “regime discursivo”, ou seja, os discursos políticos, econômicos e institucionais que produzem e mantêm as “verdades legitimadas” produzidas para regular os sujeitos:

E assim como entre instinto e conhecimento encontramos não uma continuidade, mas uma relação de luta, de dominação, de subserviência, de compensação etc., da mesma forma, entre o conhecimento e as coisas que o conhecimento tem a conhecer não pode haver nenhuma relação de continuidade natural. Só pode haver uma relação de violência, de dominação, de poder e de força, de violação. O conhecimento só pode ser uma



violação das coisas a conhecer e não percepção, reconhecimento, identificação delas ou com elas. (FOUCAULT, 2001, p. 17)

Em realidade o trabalho teórico de Foucault serviu para instaurar uma nova fase nas pesquisas sobre as identidades sexuais, a partir da proposta do autor de desconstrução dos discursos historicamente localizados. A partir de Foucault as abordagens sobre as questões de gênero e de sexualidade ganharam maior destaque nas agendas da academia, entre elas, a Teoria *Queer*, que encontrou no autor a base teórica para seu desenvolvimento.

A Teoria *Queer* nesta pesquisa serve como marco referencial para articular o desajuste no conceito de “autenticidade” das identidades, e as muitas possibilidades de experimentar e vivenciar as sexualidades e os gêneros que não se relacionam com os padrões da heteronormatividade e seus mecanismos de condutas aceitas.

Os teóricos *queer* confrontam com a concepção essencialistas da homossexualidade e questionam a argumentação de uma identidade homossexual fixa, afirmando que existem muitas homossexualidades e muitas heterossexualidades possíveis. Halperin explica assim a identidade *Queer*:

[...] la identidad *Queer* no necesita estar fundada en una verdad positiva o en una realidad estable. Como lo sugiere la palabra misma, “*Queer*” no se refiere a una especie natural o a un objeto determinado, adquiere su sentido en su relación de oposición a la norma. *Queer* designa todo que está en desacuerdo con lo normal, lo legítimo, lo dominante. Es una identidad sin esencia. *Queer*, entonces, no demarca una positividad sino una posición enfrentada a lo normativo, la cual no está restringida a lesbianas y gays, sino que está disponible para cualquiera que esté o se sienta marginalizado a causa de sus prácticas sexuales. (HALPERIN, 2007, p. 83)

Para os teóricos *queer* as identidades são múltiplas, contraditórias, fragmentadas e instáveis, por isso, afirmam ser impossível estudar os sujeitos como algo coerente e unificado. A teoria *Queer* insere no cenário outras categorias de gêneros e apontam a existência de uma sexualidade ambígua, em que as pessoas não nascem homens ou mulheres, mas que se vão construindo com o tempo, de acordo com suas experiências e de seu contexto. Segundo as palavras de Silva:

Siguiendo el camino de la teorización feminista sobre el género, la teoría *Queer* aplica la hipótesis de la construcción social al dominio de la sexualidad. No son sólo las formas por las cuales aparecemos, pensamos, actuamos como hombre o mujer – nuestra identidad de género – las que son socialmente construidas, sino también las formas por las cuales vivimos nuestra sexualidad. Tal como ocurre con la identidad de género, la identidad sexual no viene definida simplemente por la biología. Tampoco tiene nada de fijo, estable, definido. La identidad sexual también depende de la significación que se le da. Es, al igual que la identidad de género, una construcción social. (SILVA, 2001, p. 130)

A teoria *Queer* faz uso do conceito de performatividade elaborado por Butler e assume que os gêneros não representam algo que é intrínseco ao ser humano, ou algo que nasce com os sujeitos, mas sim um efeito do que se reproduz a partir do que fazemos, trata-se de uma internalização de comportamentos socialmente aceitos. Assim, as identidades de gênero e de sexualidade são



performances que se desenvolvem para estarem de acordo com os signos que são socialmente construídos e estabelecidos.

Butler elabora conceitos que articulam as práticas de subjetividade e as relações entre poder e gênero. A autora combate o essencialismo e o determinismo biológico e explica o gênero como um mecanismo de poder que é usado para regular as atitudes e ordenar as pessoas e os comportamentos. Nesse sentido, a noção de performatividade aponta um caminho para a compreensão de que não existe uma “essência” da identidade, pois ela se desenvolve através da repetição de atos e rituais que consolidam a lógica da heteronormatividade. Gêneros e sexualidades são socialmente construídos pelos discursos legitimados que privilegiam a heterossexualidade sobre as outras identidades sexuais. Butler explica assim o que vem a ser performatividade:

[...] el efecto sustantivo del género se produce performativamente y es impuesto por las prácticas reguladoras de la coherencia de género. Así, dentro del discurso legado por la metafísica de la sustancia, el género resulta ser performativo, es decir, que conforma la identidad que se supone que es. En ese sentido, el género siempre es un hacer, aunque no un hacer por parte de un sujeto que se pueda considerar preexistente a la acción. (BUTLER, 2007, p. 84)

Desde essa lógica, adoto os conceitos de sexo e gênero segundo os pressupostos de Butler que afirma que o sexo é uma norma da heterossexualidade, onde os corpos adquirem sentido e são reconhecidos como sujeitos. Da mesma maneira, o gênero é um ritual performativo, uma imposição que da coerência ao corpo, como consequência, os indivíduos cujo sexo e gênero não representam uma continuidade são excluídos e considerados como o “outro”, o “diferente”, o “anormal”:

La marca de género aparece para que los cuerpos puedan considerarse cuerpos humanos; el momento en que un bebé se humaniza es cuando se responde a la pregunta ‘¿Es niño o niña?’ Las figuras corporales que no caben en ninguno de los géneros caen fuera de lo humano y, de hecho, constituyen el campo de lo deshumanizado y lo abyecto contra lo cual se constituye en sí lo humano (BUTLER, 2007, p. 142).

Butler propõe pensar a identidade através da diferença, pensar desde aqueles que estão excluídos dos discursos historicamente construídos. A autora propõe pensar desde as identidades periféricas que cobram espaços para estar em um mundo de uma maneira diferente. Butler reclama sua legitimidade justamente para demonstrar que não há uma unidade possível, a matriz da inteligibilidade que gera os sujeitos padronizados também faz surgir o seu contrario, os gêneros incoerentes.

No mundo, a heterossexualidade é o padrão que impõe a conduta ideal das identidades sexuais e de gênero, conduzem, ditam e normalizam os papéis sexuais baseados, sobretudo, na questão biológica dos sexos. No entanto, a homossexualidade, a bissexualidade, os interssexuais, os travestis, os transformistas, a androgenia e a ambivalência, são elementos cada vez mais visíveis na sociedade. São manifestações que claramente não se esgotam no sexo biológico ou em uma herança genética, pois basta sair às ruas e observar que é cada vez mais comum encontrar pessoas cuja



identidade de gênero não está diretamente relacionada com a identidade sexual ou com o corpo físico e suas características.

### *A identidade e o corpo virtual*

As ferramentas tecnológicas provocaram mudanças nas formas de experimentar nossas subjetividades, nossos corpos e as maneiras como nos relacionamos com as pessoas. Na internet as identidades assumem contornos mais flexíveis onde podemos "fazermos e nos desfazermos, quantas vezes sentirmos necessidade, na velocidade que desejarmos e com o perfil que queremos projetar ou inventar". (ZAFRA, (Des)hacer la piel, hipertexto).

A construção das identidades online não pressupõem uma relação direta com o corpo físico ou com a identidade que o sujeito possa manter no mundo offline, como afirma Sherry Turkle no clássico *La vida en la pantalla* (1997), já não se trata mais do sujeito representar distintos papéis em distintos ambientes, na internet, a prática é a personalidade fragmentada, onde há muitos mundos possíveis, e as identidades podem desempenhar vários papéis ao mesmo tempo. A identidade virtual é construída a partir das decisões que são tomadas em conformidade com o que se deseja evidenciar ou ocultar, e ainda como o sujeito deseja definir os contextos de interação com outras pessoas online.

Com relação aos corpos virtuais, a internet estabelece novos elementos para pensar sobre seus significados que já não se situam em espaços geográficos e tempos pré-estabelecidos. Para as pessoas que gostam de ultrapassar as fronteiras fixas das sexualidades normativas, as possibilidades de construção do corpo virtual na internet é um cenário de grandes possibilidades porque no ciberespaço a identidade não produz representações, são as representações que produzem a identidade. (ZAFRA, 2004, p. 52).

Donna Haraway, outra feminista crítica das formas como o conhecimento ocidental foi elaborado, com o intuito de desestabilizar as categorias tradicionais de gênero e de sexualidade, desenvolve a imagem do cyborg, um organismo híbrido, algo entre o humano e a tecnologia que supõe a fusão do corpo à máquina e o distanciamento do corpo original, ou natural (HARAWAY, 1995, p. 149).

O cyborg, essa ficção criada por Haraway, instaura uma confusão entre as fronteiras binárias do feminino e do masculino que estruturam a base da heteronormatividade. O cyborg de Haraway encontra grande semelhança com as abordagens da teoria Queer quando propõe a ironia e o enfrentamento para cruzar as fronteiras do poder disciplinar da heteronormatividade e propõe novas





formas de relacionamentos. Para o universo transgressor queer a androgenia representada pelo cyborg implica na supressão do gênero e encontra nas redes virtuais a forma para materializar-se.

Desde esta perspectiva, o ciberespaço é um ambiente ideal para vivenciar este novo sujeito, no qual a identidade virtual é uma modalidade de códigos digitais reprogramáveis, podendo ser construído, destruído e reconstruído, a hora que desejar. Um corpo sem órgãos, feito de bytes e sem qualquer traço ou característica que não deseje ter. A internet é uma autêntica fábrica de identidades. Um espaço de subjetividade de um tipo pós-corpórea, em que os limites das categorias de gênero e de sexualidade aparecem mais diluídos, favorecendo formas alternativas de representação que ironizam os esquemas construídos de proibição e repressão do regime heteronormativo.

### *Corpus da pesquisa*

As comunidades virtuais oferecem uma série de ferramentas com as quais, através de imagens e descrições textuais, os usuários elaboram maneiras para apresentar e representar *online*. Formas que muitas vezes contribuem para desestabilizar as representações sociais referentes aos gêneros e as sexualidades. Por esse motivo, as comunidades virtuais constituem espaços privilegiados para o estudo de como as identidades virtuais não-normativas estão fazendo uso das tecnologias para experimentações de novas práticas de subjetividade e intercâmbios em internet.

Para estudar o fenômeno do *devenir* do sujeito virtual não-normativo proponho métodos interativos e a hibridação para desenvolvimento da pesquisa. Essa postura se aproxima da “bricolage” que promove a interatividade associada ao contexto e está continuamente “inventando” novas ferramentas de pesquisa durante os processos, como afirma Denzin:

The bricoleur understand that *online* research is an interactive process shaped by personal history, biography, gender, social class, race and ethnicity, and that of the people in the setting. The result of the interpretative bricoleur's labor is a complex, quilt-like bricolage, a hypertext, a reflexive, collage or montage; a set of fluid, interconnected images and representations. This interpretative structure is like a montage, a performance text, a sequence of representations connecting the parts to the whole. (DENZIN, 2004, p. 3)

Esta pesquisa formulará procedimentos que compreendam múltiplas estratégias, como as narrações, as entrevistas, a participação e a observação na rede social que foi construída exclusivamente para o desenvolvimento deste projeto. A comunidade criada<sup>4</sup> leva o nome de “Desobedientes” e está dirigida às pessoas hispanofalantes ou **pessoas** que dominam o espanhol como língua estrangeira. Os sujeitos investigados são as pessoas que se inscrevem nesta rede social

---

<sup>4</sup> Twitter, Blogger, Youtube, Myspace e Facebook, além da plataforma principal, o website desenvolvido especialmente para a elaboração desta pesquisa: [www.desobedientes.net](http://www.desobedientes.net)



e aceitam participar desta aventura de construir e re-elaborar novos significados sobre as identidades sexualmente desobedientes em internet.

Para estruturar o campo de estudo faço uma aproximação, ou uma inspiração etnográfica para a produção do material de análises. Ou, melhor dizendo, me aproximo da etnografia virtual, termo utilizado por Christine Hine, para descrever as investigações realizadas no ciberespaço. Para Hine (2004, p. 17), nossas crenças sobre a internet pode ter consequências importantes sobre a relação individual que temos com a tecnologia e sobre as relações sociais que construímos através dela. Nesta linha, a etnografia virtual pode ajudar a alcançar um sentido mais rico dos significados que surgem nas comunidades virtuais a partir do uso e apropriação das tecnologias pelos sujeitos “desobedientes” a heteronormatividade.

A construção e interpretação dos significados se darão coletivamente, ou seja, é por meio da interação com “os outros” que a construção ou expansão do conhecimento está configurada. O conhecimento produzido será legitimado em termos de reflexividade que promove o autoconhecimento coletivo através do pensar os processos com e desde os participantes da pesquisa. A reflexividade promove repensar o “fazer”, propõe ver e ser visto pelos sujeitos envolvidos no projeto que podem criticar, resignificar e modificar o contexto que está sendo analisado. A reflexividade e a interação entre os participantes cria um processo que acrescenta valor, afeta ambas as partes, e tem o objetivo de produzir uma relação mais consciente entre a pesquisadora e o objeto de investigação.

#### *Algumas considerações finais*

Este é o início da viagem para a elaboração da tese de doutorado e por isso não tem a intenção de fechar o tema, tampouco levantar todas as questões relevantes que envolvem o assunto das identidades de gênero e de sexualidade online. As reflexões são mais de caráter exploratório do que conclusivo e seguem em aberto.

A metáfora de viagem é bastante pertinente, pois como disse Ibañez “toda pesquisa é, por definição, uma viagem ao desconhecido. Um mar que sempre é um mar de dúvidas, ou que deveria ser-lo, para todos, porque a dúvida é precisamente o que o mantém à tona e que faz avançar o navio da pesquisa”. (IBAÑEZ, pp.31-32). A pesquisa segue em mar aberto. As análises até agora realizadas trouxeram pontos importantes para pensar as sexualidades e os gêneros no âmbito do virtual para as próximas etapas de aprendizagem que, com certeza, estarão cheias de sutilezas, ambigüidades e pluralidades.



O que se espera para a próxima etapa é que através da interpretação dos elementos textuais e visuais que são utilizados pelos sujeitos não-normativos na internet para elaborar identidades que se colocam fora da matriz de inteligibilidade heterossexual, nos permita analisar como as multidões LGBTQI estão usando a performatividade de gênero para jogar com as categorias binárias do sistema heteronormativo, estabelecendo novas práticas de subjetividade que são experimentadas via artefatos tecnológicos, e de que forma isso os ajuda a construir conhecimento de si e sobre o mundo.

É evidente que muitas pessoas resistem às imposições e implicações das hegemonias, reacionam contra o caráter impositivo dos padrões de gênero e de sexualidade normativa, explicitam a pluralidade e subvertem as regras. Agrada-me saber que esta pesquisa faz parte desta multidão e que seja uma possibilidade de contribuição e atitude acadêmica para uma visão de mundo menos sexista e mais plural.

### *Referências*

- BRAIDOTTI, Rosi. **Sujetos nómades**. Tradução de Alcira Bixio. Barcelona: Paidós Ibérica, 2000.
- BUTLER, Judith. **El Género en disputa**. El feminismo y la subversión de la identidad. Tradução de Maria Antonia Muñoz. Barcelona: Paidós Ibérica, 2007.
- DENZIN, Norman K. Online Environments and interpretative social research. En: JOHNS , Mark D.; CHEN, Shing-Ling; HALL, G. Jon (Eds). **Online social research**. Methods, issues & ethics. New York: Peter Lang Publishing Inc, 2004, pp. 1-12.
- FOUCAULT, Michael. **Historia de la sexualidad. La voluntad de saber**. Tradução de Ulises Guñazú. Espanha: Siglo XXI, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A verdade e as formas jurídicas**. Reunião de cinco conferências pronunciadas por Michel Foucault no Rio de Janeiro, entre os dias 21 e 25 de maio de 1973. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica – Departamento de Letras, 2001.
- HALPERIN, David. **San Foucault. Para una hagiografía gay**. Buenos Aires: Ediciones Literales, 2007.
- HARAWAY, Donna. **Ciencia, cyborgs y mujeres. La reinención de la naturaleza**. Madrid: Cátedra, 1995.
- IBÁÑEZ, Tomás. **¿Fondear en la objetividad o navegar hacia el placer?** Athenea Digital, abril, número 0. Universidad Autónoma de Barcelona. Barcelona, España: 2001, pp. 31-37.
- PRECIADO, Beatriz. **Multitudes Queer**. Notas para una política de los “anormales”. Multitudes, Revue Politique Astistique Philosophique, n.12. Acesso em: 12 de outubro de 2009, de: <<http://multitudes.samizdat.net/Multitudes-Queer,1465,2003>>.
- SILVA, T. T. **Espacios de Identidad**. Nuevas Visiones sobre el currículum. Traducción de Estanislao Antelo. Barcelona: Octaedro, 2001.
- TURKLE, Sherry. **La vida en la pantalla: la construcción de la identidad en la era de internet**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1997.



ZAFRA, Remedios. **Netianas. N(h)hacer mujer en Internet.** Madrid: Ediciones Lengua de Trapo, 2005.

\_\_\_\_\_. **(Des)hacer la piel:** Apuntes sobre feminismo y subjetividad en Internet. Revista Mujer y Cultura Visual, Acceso em: 23 de agosto de 2009, de <[www.2-red.net/mcv/pensamiento/index.html](http://www.2-red.net/mcv/pensamiento/index.html)>

\_\_\_\_\_. **E-dentidades: loading-searching-doing.** Cartografías del sujeto on-line. Acceso em: 4 de agosto de 2009, de <[www.2-red.net/edentidades/doc/res.html](http://www.2-red.net/edentidades/doc/res.html)>.